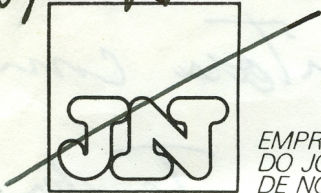


Agustinho Santos



EMPRESA
DO JORNAL
DE NOTÍCIAS/SA

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Arquivo FS 01.307

Porto, Domingo, 16 de Dezembro de 1996.

Caro Cruzeiro Seixas

É com o maior prazer que envio
o recorte de "a arte em palavras" desta
vez dedicada, e o termo, a si.

Apesar de falar de si e de expressar
o que penso sobre si e em especial
da sua obra, lembre-se que o
que escrevi não é, naturalmente,
para si.

Espero, no entanto que as
pequenas palavras que escrevi
sejam do seu agrado.

Ficaria satisfeito se tivessem conseguido
registar e interpretar o que
você me escreveu!

Pelo-lhe desculpe, por outro lado,
de uma maldita "grafia" da
responsabilidade de um
"irresponsável" "tipógrafo" que

confundiu a palavra Heritara com
Êxito. Va lá a gente entender...
se é que o enjano foi a
pensar na palavra êxito???

Apeço, naturalmente, à sua
compreensão.

Mando-lhe e se me permite,
algumas marcas de "aventuras",
algumas consignas, outros recortes
protagonizados por este
seu admirador.

Vr. aluno e obrigado
pela sua colaboração

Artur
/96

Caro amigo Cruzes Leixas

Cada vez que recebo um desenho seu enche-me de alegria. Acredite. Gosto muito, mesmo muito dos seus trabalhos. Acho-os brilhantes, por isso, meu amigo agradeço-lhe a sua amabilidade e atenção para comigo.

Estou neste momento a preparar duas exposições (uma este ano, a inaugurar a 18 de Novembro, numa galeria "AO Quadrado", Santa Maria da Feira) e outra para o ano em Matosinhos.

Gostaria muito que um dia me desse o prazer e o gosto de o receber no Porto. Quando quiser, diga e receba um abraço do

Porto, 3 de Novembro de 2005

Agostinho
2005



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

Agostinho Santos
JN –Rua de Gonçalo Cristovão,195
4049-011 Porto

Caro Amigo Cruzeiro Seixas

Conforme o que prometi aqui vai o recorte da entrevista que lhe fiz e que saiu no “Jornal de Notícias” de 22 de Abril. Espero ter conseguido captar tudo o que de mais importante me disse. Sinceramente gostei bastante de lhe fazer a entrevista, pois as suas respostas além de verdadeiras correspondem em grande parte àquilo que penso sobre o que se passa actualmente no “mundo” da arte em Portugal. Parabéns, essencialmente pela frontalidade e lucidez que me encantou ao ouvi-lo falar.

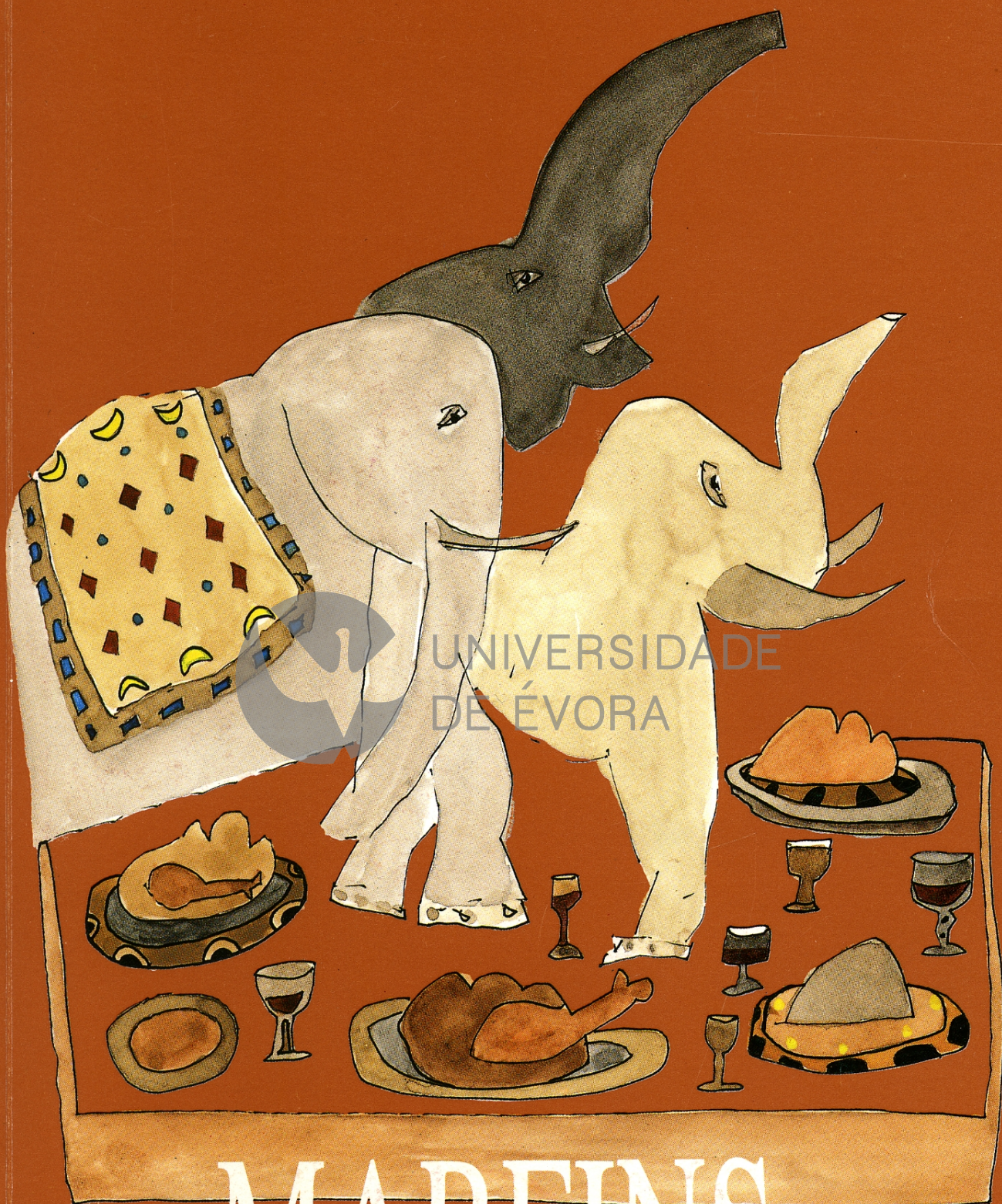
Receba, portanto, com estima e consideração o abraço do

Agostinho Santos



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

AGOSTINHO SANTOS



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

MARFINS

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ARQUIVO FCS

POESIA

01.307

Aos dezasseis dias do
mês de Dezembro de 1996, Agostinho
Santos oferece a Cruzeiro
Seixas, ilustre poeta e
pintor os

" **MARFINS** " o
primeiro livro de
poemas (será poesia? Serão
desenhos escritos, em forma
de palavras?...) do
primeiro, entenda-se,
Agostinho Santos.

E nada mais havendo
a declarar só resta ao
primeiro, entenda-se, Agostinho
Santos desejar ao segundo,
Artur Cruzeiro Seixas
os mais sinceros cumpri-
mentos.

AGOSTINHO SANTOS



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

MARFINS

POESIA



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

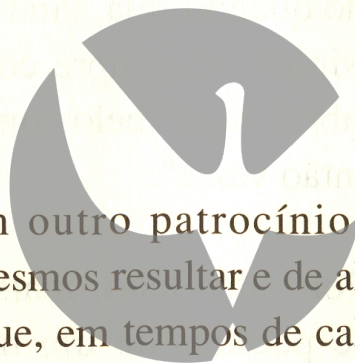
Algumas palavras

Um novo poeta, tão só por inaugurar o seu dia, e mesmo quando seja, também ele, “pequeno, pálido e setemesinho”, é sempre como o severino menino de João Cabral: algo “belo como a coisa nova/na prateleira até então vazia”.

Por outro lado, mais prosaicamente, um novo livro de poemas de um novo poeta permite-nos o esquisito luxo de sermos intolerantes com os nossos próprios defeitos; por isso é que um novo livro de poemas de um novo poeta constitui, sobretudo, um desafio (e um risco...) para nós, leitores de poesia.

Aqui está um novo livro de poemas de um novo poeta, como todas as coisas sem resposta “difícil de defender/ só com palavras”. Que poeta e livro assim tenham assumido o escândalo de existir, e à própria e

MARFINS



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

desmesurada custa, sem outro patrocínio senão aquele, parco, que deles mesmos resultar e de algumas palavras de amigo, eis o que, em tempos de calculada prosa de negócios como os que passam, certamente justifica surpresa, e respeito mais.

“Como o caderno novo/ quando a gente o principia”, ele aí fica, temerário e só, e também orgulhoso e imperioso, o primeiro livro de poemas de Agostinho Santos, pintor de palavras interiores; que lhe atire a primeira pedra quem nunca cedeu, à excessiva tentação do coração.

M.A.Pina



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

1

Valem diamantes.
Resvalam e compadecem-se
quando o grito surge brutal
e fere
quase, quase tocando a morte



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

Dentro dela, relâmpagos de luz e cor
movimentam-se e rompem, lúcidos,
o pensamento agitado

Qual combate entre corpos esfaimados,
ou um rio alagando as margens.
Inunda-nos e transcende-nos



3

Aberta, a tua mão
a tua coxa, talvez a direita
acasala-se à minha
e aquieta-se na languidez do desejo

Ambos percorremos a distância
rumo às estrelas
a bater nos deuses e nos mitos

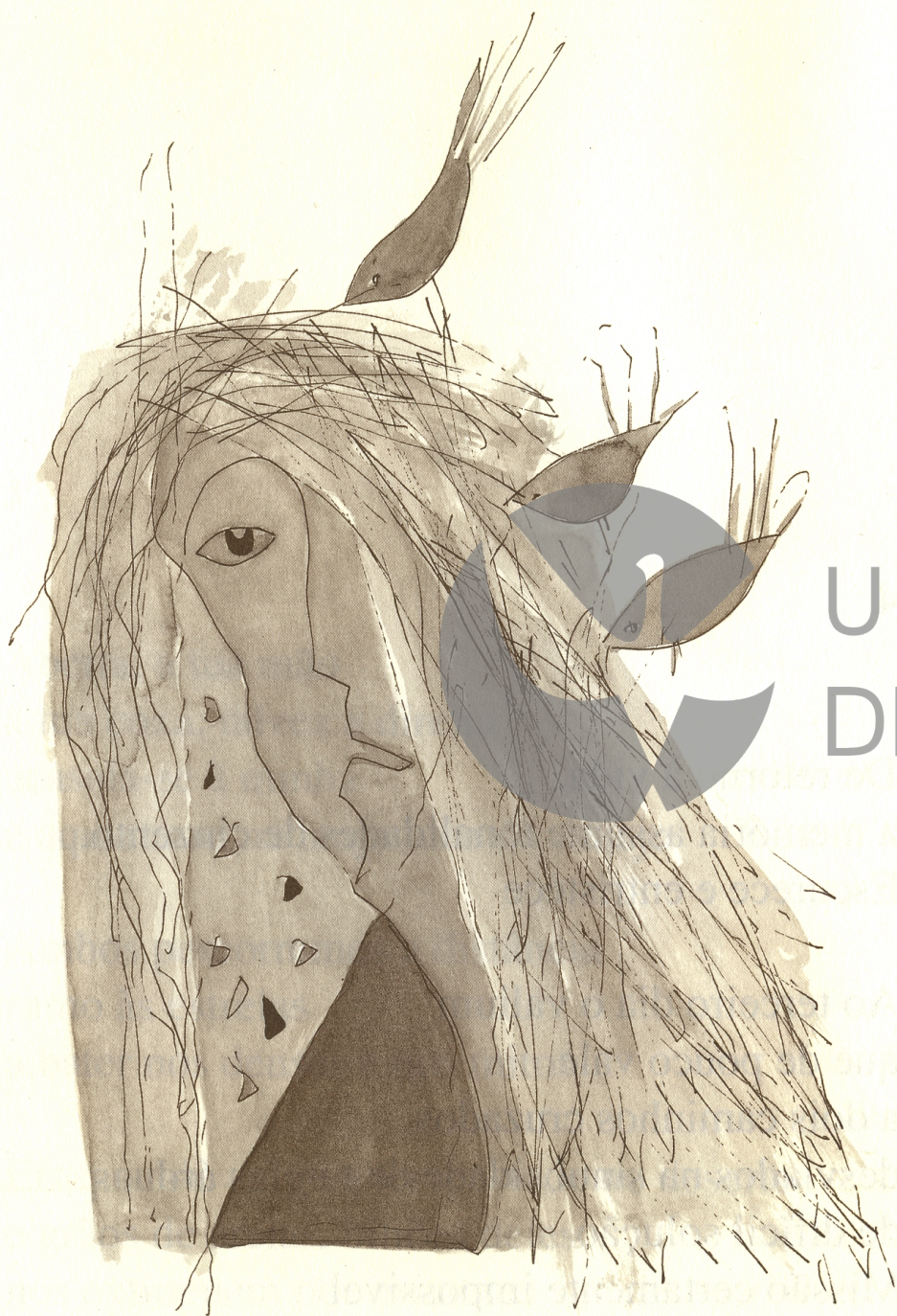
Eis quando surge a tempestade no deserto
e grãos de areias, biliões deles,
nos extinguem por instantes



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

De retorno à vida,
a memória assume tonalidades de cinzento.
Escurece e entristece

Ao terceiro dia o valium
que de pouco vale
a dois caminhos cruzados
desviados na sinuosidade de tarefas árduas
de difícil solução
Missão certamente impossível



5

UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

Na tua face
onde esvoaçam cabelos
como asas de pássaros perfumados
a boca grata, sede da minha ternura

Afasto-os com volúpia,
afagos-os sem tempo certo
e dou-lhes guarida
junto aos lábios

Ah, como te ouço e te vejo e te beijo
tão dentro de mim e tão ausente

6



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

Basta de fúria e desespero.
Basta!
Os nossos corpos brigam como cães
espumando raiva
entre ondas de ódio

Ódio febril e doentio
que, nos invade a mente
que nos mente e fragmenta



7



As imagens (serão apenas sombras?)
que de ti retenho
transformam-te
no corpo selvagem que um dia senti

As lágrimas que humedeceram o meu rosto
sairam da fonte ressuscitada
que agora esculpi

8

UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

As voltas
busquei a tua mão
e encontrei-a blindada,
entregue a guardas fanfarrões
que, de manhã à noite, guardam a muralha

A batalha eclode
e tu caís do pedestal
fragmentando-te em pedaços

Pedaços leves, baços que se elevam
e te transportam para a ilha de cristal

9

Regresso à sombria esperança
grávida de desejo
tardia, mas potente e omnipresente
que - presente - a aprisiona desde sempre



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

10

A escuridão do espaço
envolve-lhes os corpos
e simula um baile de máscaras e ritos

Máscaras que se agitam
e sentem o odor do feto
em infindável busca

Quase em apoteose
seguem bailando até à tribuna
e entre deuses espantados
declaram não à vida

11

A perseguição obcecada, obscura das máscaras
desfila até ao rio e mistura-se
com o cheiro fétido da miséria

Na quarta-feira, de manhã, o veredicto.
O corpo gélido aguarda em convulsões de medo

Deuses, mais deuses, levantam-se e acusam
dedo em riste.

Reservam-lhe, então, a ceia dos marfins
com vassalagem de efefantes alados.

Desmonta um javali,
traça-lhe a coxa,
suga o sangue mel/limão
e ataca nova carne

Mas eis que um Deus, um Deus maior,
surge repentino e, quase em transe, a reboca
para sala escura e empedrada.

É a sentença derradeira
Mil anos ou mais à espera

UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

12

A face gélida repousa no corpo de um rio
(qual ilha abandonada?)
e vogando como folha perdida no outono da
tristeza
vai desaguar no rio-arco-íris
que um dia o pintor imaginou.



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

13

É o repouso ansiado por dois guerreiros
prontos a depor as armas,
exaustos do combate travado
num prado verde acima das estrelas

14

As vagas da espuma
onde se concentra toda a saliva do mundo
como bandeiras brancas
acenam clamando paz

O gosto amargo
da memória sem tempo
e de vestígios diluídos
envolve o corpo renascido
entregando-o a deuses alados

Como abelhas em redor do favo
lançam-lhe o tapete côm de sangue
e atiram-lhe pétalas douradas
que o conduzirão à espuma
luminosa e diáfana do mar

Lavará a face e o ventre
como que a curar feridas ocultas
e fragmentos de volúpia
que lhe odorizam a pele



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

Dos seios desprendem-se gotas
que se diluem pelas águas
tépidas e translúcidas do oceano
até serem engolidas pelos cardumes

Transfigurado, já sem contornos
e vazio de sensações
o corpo debate-se qual peixe moribundo
e amortalha-se nas águas cintilantes



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

16

As chamas abraçam-lhe o corpo
Tomam-no e possuem-no
(Qual luta urdida entre memórias?)
Lá dentro os montes são esguios, vermelhos
como cicatrizes de feridas recentes
e as árvores amarelas como gemas

17

O ensurdecedor ruído dos túmulos
ecoa sobre os corpos
que afogados em lágrimas
sussurram debaixo de nós

18

A chama desertora invade
e queima-lhe o corpo

À direita, a imagem tentadora e omnipresente
a sugar-lhe o rosto e as vísceras
condu-lo pelas fendas dos montes
à procura do sonho perdido.



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

Os olhos como lanças
atravessam o corpo rebelde
fixando-se no sexo
e saciam-se
à espera que se apaguem
vestígios de outros tempos

Um tempo de desassossego
e permanente revolução corporal
em infindáveis combates sem trégua

MURMÚRIOS



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

20

O tombar de rancores,
esmagados diluídos com ácido puro
provocou em ti
uma nova face que te libertou,
pedaço a pedaço.

MURMÚRIOS



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA



A

A vontade efémera de regressar
aos lugares do (in)visível
a um passo do precipício da memória degolada,
quais alucinações que verto
acorrentado ao abismo

Sinto o estilete rasgar-me a carne,
rente aos inaudíveis pensamentos
de ontem.

Quero embalar os fragmentos repugnantes,
ao som da melodia do silêncio

E os gritos?

Amputação

a devassar e a delapidar as emoções
que rangeram décadas e décadas.

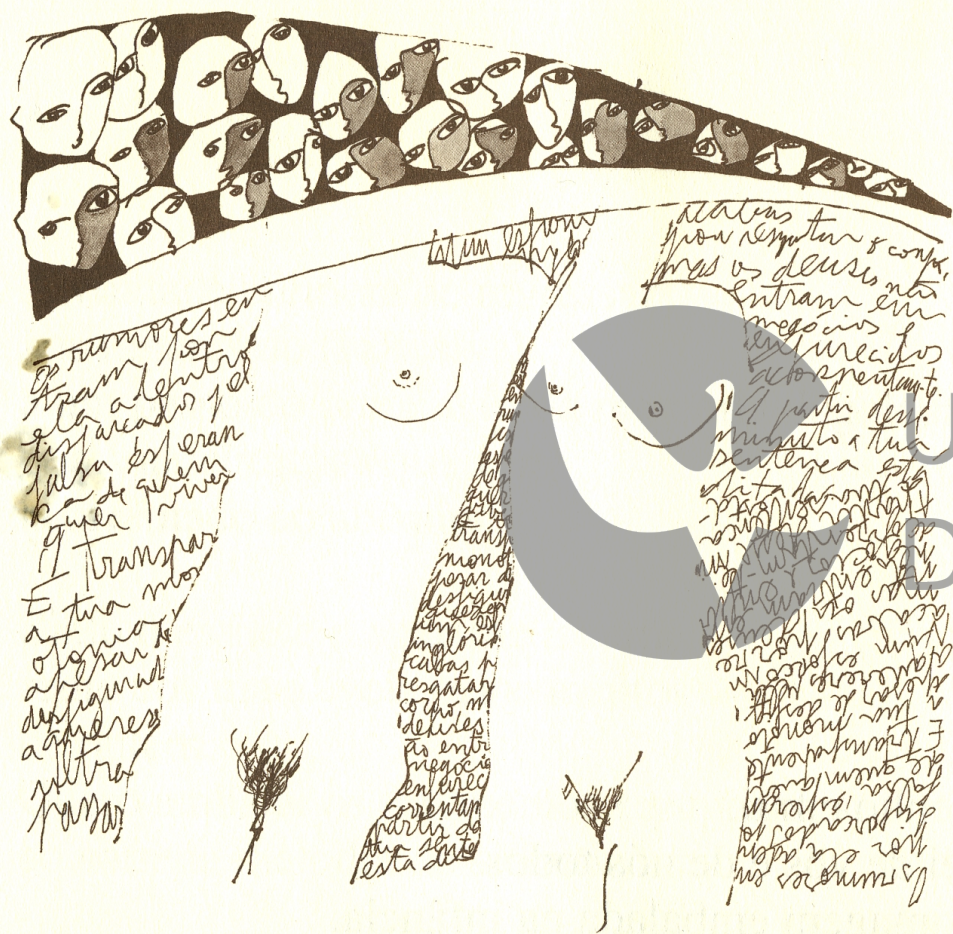
UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

B

Tenho em ti,
rei de vós e de nós todos,
a imagem embalada na infância.

Gozo, alucinado, esse fastamagórico rosto
visível nas planícies.

Aí sinto-te. Só aí.



C

Os rumores entram por ela adentro,
disfarçados pela falsa esperança
de quem quer viver

É transparente a tua monotonia,
apesar de desfigurada a queres ultrapassar.

Num esforço inglório
acabas por resgatar o corpo,
mas os deuses não entram em negócios
e enfurecidos acorrentam-te.
A partir desse minuto a tua sentença está
ditada.



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

D

Embalado pelo teu fascínio
dormi.

Aquela noite cúmplice
fez desaguar dentro de mim
um novo rio.

E neste rio tu não estás.

E

Os gemidos do combate sentido
ecoaram dentro e fora dos nossos corpos

Queimados e gastos
interromperam a melodia.

A partir daí, atormentámo-nos um ao outro

F

Infeliz o convidado
a penetrar no teu corpo.

No primeiro dia, encobres a fúria,
tapas o ódio
com alucinações protectoras.

No segundo, o teu gozo, quase efémero,
quer fugir de ti.
Mas tu não o deixas escapar.

Ao terceiro dia, sentada à direita
da tua malícia, rainha-mãe da tua sabedoria,
abres a mão e libertas os teus seres invisíveis
que, no quarto, bem dentro do quarto,
rodopiam e, em instantes, nos acorrentam.
O outro viverá na tua ilha até os abutres o
engolirem.



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

G

O traço subtil consome o corpo
abraça-o
e toca-lhe nos lábios.
Beija-o



Já em esboço o corpo,
enfeitiçado pelo carvão que se solidifica
e pelo guache que endurece,
abandona de mãos abertas o papel
e derruba o pintor

Até hoje o papel continua em branco
e o pintor prostrado no chão.

UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

Cúmplice dos teus voos altos
e devassadores de mundos adentro

Choro por saber
que teu corpo perdura.

Aguardo
a amputação das tuas asas
e que o teu corpo pouse mais próximo.



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

I

Vozes supremas e douradas
chamam por mim.

Convidam-me para o desfile de vestígios
amargos
que sussurram nas cavernas habitadas pelos
deuses.



J

Cinco minutos depois da minha morte,
anunciada para as cinco horas,
ponham a voar as minhas coisas:
desenhos, pinturas, livros, jornais.

Objectos.

Deêm-lhes vida,
ensinem-lhes o caminho

Quero os meus carros de lata,
os cristos
os elefantes
as bonecas de cartão
e as espingardas e carroças de chapa
ao encontro de novas brincadeiras
e de novos meninos

UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

Quero que võem,
e que chamem por mim.
Por todos

E que um dia, talvez
na hora do descanso
regressem à prateleira
para quebrar o desencanto da criança que
chora.

K

Coroe-se aquele que de baioneta em punho
desfiou em tempos infinitos
as memórias de um corpo trucidado pela dor.

Aglutinou durante décadas
lágrimas contidas,
aprisionadas numa cela a meio do
pensamento.

O resgate fez jorrar
rios de lágrimas

L

Saibam todos,
que a minha certidão, de nascimento ou de
óbito,
está por concretizar.

O branco do papel, ao fundo da gaveta, está
cansado de esperar.
Tanto, tanto, que já tingiu de amarelo a camisa
do escriturário.

Procuo, desesperadamente, um notário que me
enfrente.



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Título: Marfins

Autor: Agostinho Santos

Edição de autor

Capa e desenhos: Agostinho Santos

Paginação electrónica: Ricardo Santos Morla

Fotografia: Henrique Moreira

Ano: 1995

Depósito legal: 91139/95

Tiragem: 600 exemplares

Montagem: Seleton

Impressão: Tipografia S. Miguel



AGOSTINHO SANTOS nasceu em 1960, em Mafamude, Vila Nova de Gaia. Jornalista e Pintor. Redactor do “Jornal de Notícias”.

Iniciou a carreira jornalística em 1978, como colaborador da imprensa local em Gaia.

Foi repórter no “o Primeiro de Janeiro”, chefe de Redacção do semanário “Observador” e “Gaia Semanário”.

Colaborou nos jornais “Sete”, “Tal & Qual”, “Crime” e na revista “A Razão”.

Fundador e director da Associação de Escritores de Gaia (AEG) e sócio da Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto (AJHLP).

Ganhou o Prémio Nacional “Gazeta “ de Jornalismo (Reportagem de Imprensa), entregue pelo Presidente da República, dr. Mário Soares.

Vencedor de vários outros prémios de reportagem, nomeadamente “Prémio Jaime Ferreira” em 1989 e novamente em 1991 e “Melhor Reportagem sobre Paços de Ferreira” (2º Prémio em 1985 e 1º Prémio em 1986).

Autor das seguintes publicações: **“Criação e Apocalipse”** (1986) – co-autoria – Álbum de desenhos; **“Cumplicidades”** (1991) – Pintura – edição Laboratórios Bial; **“Os Homens da Presidência em Gaia”** (1992) edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia; **“Dentro d’água”** (1993) – desenhos/postais; **“Voos Sentidos”**, desenhos (1993) – edição do “Jornal de Notícias”; **“(Re)descobrir o Mosteiro de Tibães”**, postais (1994), edição do Mosteiro de S. Martinho de Tibães, Braga; **“Gaia”** Álbum de desenhos (1994) – edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia; **“Homenagens”** (1994) – desenhos – edição de autor; **“Olhares de CumplicIDADE”** (1994) – desenhos – edição do Governo Civil do Porto.